

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES. BUSCANDO OS SENTIDOS DE SEU FAZER E OS SABERES QUE SE FAZEM NECESSÁRIOS

Vitória Helena Cunha Espósito - PUC-SP/CEPE  
Maria Anita Viviani Martins - PUC-SP  
Gilberto Tadeu Reis da Silva - UNIFESP/FASM  
Aniceto Cirino da Silva Filho - UNAMA

## Resumo

O presente trabalho põe em destaque o desenvolvimento da pesquisa como trajetória metodológica. Considera que a busca de sentidos enquanto ‘consciência de’ é o que impulsiona a formulação de interrogações. As respostas solicitam ao pesquisador retirar da ambigüidade aquilo que se propõe no fazer educativo como uma ação dirigida à intervenção. No desenvolvimento do percurso vê-se o pesquisador enredado, forma-se.

## Abstract

This present work exposes the development of research, mainly, as a methodological path. It considers the search of meanings, while ‘conscience of’, is what moves the formulation of questions. The answers ask the researcher to get from ambiguity what is proposed on educative doing as an action aimed to intervention. During the course development, the researcher himself is formed.

## OBJETIVOS E SÍNTESE DA TEMÁTICA

Esse trabalho, sob a coordenação de Vitória Helena Cunha Espósito, com apoio do CEPE (Conselho de Ensino e Pesquisa)/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é constituído por diferentes pesquisas, mas obedecendo a temáticas afins, foram desenvolvidas no período de 2000 a 2003, quais sejam: o relato dos resultados de quatro pesquisas desenvolvidas em escolas de Ensino Fundamental, orientadas por Maria Anita Viviani Martins. Agregou também, pela Universidade da Amazônia–UNAMA, Aniceto Cirino da Silva Filho com pesquisa que veio a se constituir em sua dissertação de mestrado e, pela Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP e Faculdade Santa Marcelina-FASM, Gilberto Tadeu Reis da Silva cujo trabalho veio a compor sua tese de doutoramento sendo que ambos os trabalhos desenvolveram-se sob orientação da coordenadora Vitória Helena Cunha Espósito. Trata-se de um projeto que vem se desenvolvendo a partir de uma pesquisa mais ampla que é **A Formação do Professor e a Produção do Conhecimento**. Envolve, ainda, trabalhos de Iniciação Científica já relatados em outras instâncias.

A proposta aqui apresentada está em discutir a trajetória metodológica de pesquisa, tal como foi se configurando na investigação tendo como nossa intencionalidade responder as questões:

- Como os processos de ordenação do pensar podem favorecer ou mesmo direcionar, num processo de formação profissional, a função de determinada forma de conceber o mundo, o homem que nele se situa, o espaço, o tempo, a cultura e suas relações com a natureza que ultrapassam uma disposição puramente disciplinar. Posto de outra forma, como superar a produção de conhecimento que a disposição curricular tem propiciado, e que nem sempre, corresponde às necessidades do mundo contemporâneo.
- Como formar docentes que, em diferentes campos do conhecimento, preocupem-se em cuidar e lidar com a diversidade, condição esta, que hoje se faz necessária para que os conhecimentos e saberes de natureza diversa possam ser apreendidos, organizados e explicitados.

Trata-se, portanto, de objetivos de amplo alcance e a serem perseguidos ao longo do tempo, no caso, buscamos alguns eixos básicos e fomos trabalhando concomitantemente, às vezes alternadamente, às vezes suspendendo a produção de um deles conforme necessidade,

construindo-se uma trajetória metodológica no próprio percurso da pesquisa. Isto posto, queremos observar que a equipe foi sendo alterada à medida que os trabalhos foram avançando sendo que para constituir o presente relato optamos por estabelecer um recorte apresentando sinteticamente os trabalhos anunciados. E o que nos trazem as pesquisas?

Os resultados das pesquisas nos dizem que a formação ao ser vista como ação educativa, traz, no termo ação, alguns sentidos: diz de relações, de idealizações, de valores. Fala de diversidade. Diz de situações. Acha-se, ainda, ao ser assim qualificada, perpassada por uma intencionalidade que exige vê-la dando-se no movimento e inserida no mundo. Desenvolve-se no percurso não apenas uma metodologia rigorosa de pesquisa, pois, mais do que isto se compõe uma trajetória de vida, dimensão existencial esta que decorre da opção filosófica que suporta a investigação: a fenomenologia e a hermenêutica fenomenológica.

Nessa configuração, indispensável se faz a contribuição da pesquisa e a consciência do papel político que, de forma visível ou não, delimita as diretrizes que balizam as ações desenvolvidas e que se propõem como formadoras. Necessário se faz, também, apreender o auxílio da filosofia como um pensar que ilumina a construção da prática teórica, pois, em uma ação educativa, nem sempre se quer apenas produzir modificações naquilo que está aí: o que se pretende são transformações. Enquanto as modificações são de natureza qualitativa, não produzindo alterações substanciais, as transformações visam atingir estruturas, buscam constituir um outro diferente do anterior, algo substancialmente diferente. E mais: este ver considera o enraizamento do homem na mundaneidade do mundo pela mediação da corporeidade de um corpo próprio, o corpo vivido, uma existência encarnada. A existência constitui, decididamente, não apenas uma matéria de significação e de linguagem, porque a verdade é aquilo que fala pelo espelho do sentido e pela representação significativa - o próprio ato da existência.<sup>1</sup>

Uma reflexão desse porte, ao trazer à luz o caráter de intervenção da ação educativa, é o que a expõe em sua natureza prático poética.<sup>2</sup> Mostra, ainda, o caráter ético que reveste essa opção, pois é fruto de uma ação - social e individual -, realiza-se na co-existência sendo que as decisões que se apresentam decorrem de determinada concepção de mundo e sendo permeadas por uma conotação de valor ocorrendo como construção no bojo de uma determinada cultura.

Visando distinguir as decorrências de tal posição, necessário se faz retirar da ambigüidade aquilo que se propõe no fazer educativo como uma ação dirigida à intervenção: uma **trans-forma-ação**. Os trabalhos de Aniceto Cirino e Gilberto Tadeu indicam as possibilidades desse fazer.

Em *A Produção/transmissão de conhecimento na Universidade: uma questão a investigar*, Aniceto Cirino da Silva Filho (SILVA FILHO, 2.001) compõe sua trajetória de pesquisa investigando a prática efetivamente realizada nos cursos de graduação da UNAMA, questiona a partir de seu mundo-vida, como docente e cidadão, os procedimentos metodológicos daqueles que vivenciam as relações entre a produção e a transformação do conhecimento, utilizando para isso, os recursos da fenomenologia como filosofia e trajetória de investigação. Instigado pela análise da problemática do conhecimento (Gnoseologia), seu processo de produção e transmissão - elementos essenciais para a construção do que se coloca como papel da Universidade - pretendendo aproximar-se de uma outra abordagem mais abrangente que possa vir a contribuir para a compreensão da pesquisa educacional ou, quem sabe, iluminar uma proposta de Universidade que se coloque, como sendo uma "utopia" viável. Pergunta na sua investigação: Como se desenvolve a produção/transmissão do conhecimento numa prática educativa universitária?

Quais seriam, então, as concepções de conhecimento e/ou de educação que influenciam nossa prática de pesquisa, bem como as concepções de aprendizagem e ensino na Universidade da Amazônia? Como se apresentam as imbricações entre as concepções de ensino e pesquisa entre docentes e discentes a partir da prática educativa efetivada por ele experienciada como professor da Universidade na área da Pedagogia?

Para elucidar essas questões, ao compor sua trajetória metodológica de pesquisa o pesquisador re-visita filósofos que notadamente influenciaram o pensamento ocidental, no qual se vê formado, passa a considerar na educação não apenas o racionalismo, ou o empirismo pedagógico, pois não há como conceber isoladamente as diferentes concepções que emergem do

pensar dos autores destacados, ressaltando que tais estruturas não apreendem a imbricação homem-mundo. Com base em Merleau-Ponty, considera que a consciência crítica e ativa do sujeito cognoscente só o é quando está efetivamente relacionada com a realidade. Todavia, ressalta que não é esta que penetra na consciência do sujeito a fim de preenchê-la. É o oposto: é a consciência que penetra na realidade examinando-a, explorando-a, questionando-a. No percurso, recorre a Merleau-Ponty para descrever as conseqüências, para o ensinar e o aprender, da separação assim engendrada.

Depois, tendo como *locus* a Universidade, destaca algumas questões, que têm marcado historicamente sua constituição, considera que: conceber a Universidade como fonte de ensino e de aprendizagem, bem como, o lugar de construção de conhecimento, significa pensá-la como centro de pro-jeto<sup>3</sup> humano, de vontades, desejos, projetos profissionais, inteligências, interesses e ideologias das pessoas, onde professores, alunos e gestores articulam-se como co-determinantes, para estabelecer uma mentalidade reflexivo-crítica, criativa, comprometida exclusivamente com a busca cada vez mais séria de ações, através da autonomia do pensar e do transfazer<sup>4</sup>, da análise, da avaliação das proposições e dos conhecimentos.

A pesquisa, ao configurar-se, seja como busca de conhecimentos (*lato*), seja como criação de novos conhecimentos (estrito) será a atividade fundamental, portanto, indissociável à idéia de Universidade como *locus* privilegiado onde ocorrem as investigações críticas e/ou experimentais e onde se organizam as principais invenções do homem.

Uma Universidade que no seu projeto se abre à pesquisa tem igualmente, a tarefa de conquistar o conhecimento em toda a sua extensão. Deve, pois, a Universidade fazer avançar o saber de modo crítico e sistematizado e não se perder na mera transmissão de determinados conteúdos culturais, nas aulas copiadas para ensinar a copiar o que já está sabido.

Criadora, crítica e voltada para uma realidade vivida, para o *ser-no-mundo*, a Universidade erige a prática da pesquisa, que além de ser um dos esteios essenciais dentro do processo histórico, é também definida como princípio científico e educativo.

A pesquisa na Universidade não pode perder sua conotação educativa nem se afastar da experiência do sujeito, deverá mostrar-se constantemente nas atitudes dos professores e alunos, através das interrogações críticas, das investigações sistemáticas, dos debates rigorosos, dos discernimentos acerca das próprias ciências, das artes, da filosofia, da educação, etc., e da intervenção desses sujeitos na realidade concreta. Para tanto, professores e alunos, construtores do conhecimento, ao estarem conscientes de seu papel a desempenhar, de seu compromisso e responsabilidade, estando bem inteirados do mundo-vida, o que um conhece e vivencia pode ser conhecido e vivenciado pelo outro, tal como, Husserl assim se expressou: *o mundo que eu conheço é o mundo que pode ser conhecido por todos*. A pesquisa não sendo privilégio somente de mestres e doutores, como se costuma pensar na vida acadêmica, não pode ser mitificada como uma atividade acadêmica especial restrita somente a alguns que sabem o que pesquisar e alheia aos interesses dos outros que nada sabem; muito menos pode ser desmerecida, banalizada, o que seria uma atitude ingênua de quem não “*olha*” a pesquisa como *arché* educativa, não a concebe como *logos* necessário para compreender um objeto ou um fenômeno qualquer que se mostra, tal como se mostra efetivamente por si mesmo – *phainomenon* - frente ao qual nos deparamos interrogativamente. Na verdade, considera que essa separação é antes ideológica, uma vez que justifica – de forma politicamente comprometedora - posições, privilégios e interesses de grupos dominantes dentro da Universidade. Se a Universidade é o lugar de produção/socialização de conhecimento, cabe a nós professores levar aos alunos, tão logo ingressem na academia, a tomar consciência da importância da pesquisa, sem falseá-la, porquanto, em sua nova possibilidade: o alcance de um *trabalho de interpretação* do mundo-vida, de acesso ao sentido, de descrição do fenômeno, tal como aparece ou se manifesta (*Erscheinung*), do ser dado nas vivências, consiste em explicitar o sentido que nelas se encobre, assim como se explicita, por meio de uma interpretação, o significado original de um texto (e contexto), de uma obra de arte ou de um produto histórico. Significado este em geral encoberto nas significações e que o esforço hermenêutico desembaraça ou restitui<sup>5</sup>

Ensinar nossos alunos a *compreender/ler/conceber/interpretar* o conteúdo proposto não só na comunicação escrita/oral como de *tudo o que pode ser mostrado* (*Aufweisung*) ou demonstrado (*Ausweisung*) em toda sua extensão e totalidade, significa despertar neles o

“espírito de fineza”, motivando-os a pensar a realidade por si mesmos, conhecendo o real com os recursos dos próprios pensamentos, tornando-se eles mesmos esclarecidos, portadores de luz, força de discernimento.<sup>6</sup>

Enfim, o autor reafirma que na pesquisa: a criação e transmissão do conhecimento na Universidade fundam-se na pesquisa, sendo ela a principal atividade da Universidade. Considera que essa pesquisa não tendo o caráter mitificado é o meio, a possibilidade, do alcance de um trabalho de interpretação do mundo-vida, de acesso ao sentido, e de descrição do fenômeno tal como ele se mostra. O mundo-vida é, portanto, o *locus* para a criação do conhecimento, e uma das condições favoráveis a que professor e alunos se tornem parceiros nessa construção.

Gilberto Tadeu Reis da Silva, em *a Preceptoria<sup>7</sup> como ação educativa: Uma leitura hermenêutica fenomenológica* (SILVA, 2003) mergulha no círculo existencial hermenêutico descrevendo a trajetória metodológica vivenciada que veio a configurar-se de natureza fenomenológica hermenêutica tal como fundamentada no pensar de Heidegger, Gadamer e Ricoeur. Não se trata inicialmente de dizer do tema investigado, mas, do como este ao configurar-se como uma situação educativa enreda os pesquisadores nos meandros do círculo existencial hermenêutico possibilitando a apreensão de diferentes realidades, complexidades, diferentes linguagens.

Por círculo existencial hermenêutico considera o “*processo misterioso*” pelo qual se dá a compreensão humana. Compreender que em Heidegger mais do que um modo de conhecer configura-se como um modo de ser. Trata-se de um processo cuja unidade se dá entre o específico e o geral, o todo e a parte, o interno e o externo, constituindo-se como um processo histórico e dando-se num contexto definido.

Adentrar ao círculo existencial hermenêutico exige não apenas a aproximação a alguma de suas partes em especial, nem em buscar apreendê-lo a partir de um todo perceptível. O que ocorre é que “se a lógica não valida a compreensão, o que se exige é um salto, um mergulho direto ao interior do círculo”.

Nessa perspectiva, a compreensão individual como descreve Gadamer, extrai seus significados do contexto ou horizonte no qual o ser se situa, ao mesmo tempo, esse contexto se constrói com seus próprios elementos aos quais dá sentido. No movimento dado pelo lançar-se no interior do círculo hermenêutico, apreendem-se simultaneamente as partes e o todo como também se dá a compreensão de si próprio. A preceptoria ao ser colocada como tema de pesquisa veio solicitar ser trabalhada como trajetória metodológica configurando-se e delineando-se com clareza a partir da recuperação dos diversos encontros de orientação e estudo, os quais ao serem postos no tempo e no espaço tornaram possível um afastamento aproximativo ao interrogado. Quando no movimento desse ir e vir constante pode-se apreender a preceptoria como acontecimento vivo, historicamente situado cuja trama deu visibilidade às partes, e o reverso tornado visível, apontou os fundamentos filosóficos, éticos e estéticos cujos princípios vem alimentando as partes enquanto construções pedagógico/institucionais/formativas que poieticamente deram liga ao que foi se constituindo no processo e, cujas marcas, estão presentes de forma nem sempre compreensível, no comportamento das pessoas que “*aí*” se fazem presentes, no currículo oculto e no visível, nas marcas deixadas ver como obras de arte, nos diferentes símbolos e imagens que, como textos, marcas humanas, solicitam para dar-se a compreender, consciência atenta, a compreensão tornada possível pela mediação de diferentes linguagens.

Nesta pesquisa, ao descrever parte de suas vivências enquanto docente e preceptor em um Curso de Graduação em Enfermagem, o autor, relata a trajetória por ele percorrida desde o desencadear do seu ingresso na pós-graduação quando na convicção de suas experiências e do seu modo de ser, estar e conviver com os outros e no mundo, passa a olhar mais criticamente seu mundo-vida. Considera que o caminho percorrido está marcado no convívio com pessoas que vivem um carisma religioso, descrito por Biraghi<sup>8</sup> alicerçado nas ciências do espírito e em valores cristocêntricos.

A experiência biraghiana relata o pesquisador, marca-o expressivamente como ser preceptor, ser pessoa, ser profissional e ser humano. Essa expressividade singular torna-se a cada momento de encontro, de dedicação, de trabalho uma efetiva busca por compreender as nuances essenciais e singulares que se apresentam no mundo já vivido. (ALMEIDA, 2001).

É neste sentido que a compreensão e a interpretação do que se mostra como preceptoria emergem, ainda estranhos e talvez desconhecidos, na sua essência, contudo seus significados foram iluminando-se ao serem vistos marcados por suas crenças e aspirações. Propõe-se então, a desvelá-la como fenômeno. Fenômeno significando aqui aquilo que se mostra a partir do “como” é interrogado (ESPÓSITO, 1.993) (BICUDO, 1.997). Da essência do fazer da própria preceptoria, percebe neste espaço dedicado ao aluno também um *locus* de atenção e ou compreensão tanto do outro, como de si mesmo. Portanto, logo ao colocar-se, emerge a necessidade de exteriorizar o como esta é vista e interpretada, como também o leva a expressar de forma clara uma compreensão construída, quase que de maneira imperceptível. Desta forma, no diálogo entre aquele que fala e o que ouve proporciona-se um compartilhar que, de forma geral, nesse acontecer subentende a existência de uma prévia compreensão, base para que se dê o desejo de buscarem-se novos sentidos, atribuindo-se significações.

Na busca desse caminhar acadêmico, SILVA (2.000), interroga a preceptoria para que, com as apreensões dos significados atribuídos pelos alunos e as suas, pudesse delinear como esta se mostra enquanto uma maneira de desenvolvimento humano, que envolve não apenas o aluno, mas também o professor. Descreve suas vivências enquanto docente e preceptor em um curso de graduação em enfermagem interroga a preceptoria como ação educativa e, ao perguntar, formula questões que se colocam no percurso da investigação, delineando, assim uma trajetória, selecionando um caminho para uma aproximação - a maior compreensão da preceptoria - para o que toma como pergunta norteadora: como essa experiência se mostra para aqueles que a vivenciam, constituindo os preceptorandos entrevistados, acadêmicos de enfermagem, como parceiros nessa construção em exercício.

A instituição de ensino superior, *locus* dessa pesquisa, a Faculdade Santa Marcelina - Campus de Itaquera, onde o pesquisador na gestão 1998/2003 desempenha suas funções - sua região de inquérito - é re-visitada, produzindo o pesquisador uma leitura hermenêutica desvelando que a sua construção traz as marcas daqueles que a construíram dizendo de suas crenças, de seu pensar e fazer. A seguir ouvindo os alunos, sujeitos nesta pesquisa, coleta suas descrições, analisa-as e a partir das falas coletadas, perscruta os universos simbólicos aí presentes apreendendo o que os alunos dizem de si, de como se vêem, como compreendem o outro e o mundo da preceptoria. Feita a redução fenomenológica, extraídos os temas comuns, convergentes, bem como, as divergências e as idiossincrasias que se mostraram ao pesquisador, como ser atribuidor de significados, apresenta uma síntese compreensivo-interpretativa. Ao proceder a análise das temáticas, o pesquisador utilizou o referencial filosófico hermenêutico apoiado nos estudos de Paul Ricoeur, a fim de possibilitar um diálogo entre os horizontes dos sujeitos e do pesquisador, sendo o último o que interroga. Por fim apresenta as quatro temáticas encontradas: aproximação, formação, orientação e coexistência. Ao fazê-lo, numa perspectiva existencial, percebe que as temáticas encontradas constituem parte de uma única categoria então denominada ‘coexistência’. Somadas a estas, foram identificadas as idiossincrasias: afetividade, escolha e responsabilidade. Todas elas dizendo, portanto do humano que somos. Da leitura compreensiva desenvolvida percebe o pesquisador em ‘coexistência’, pertinência ao princípio de “*viver junto*” posto por Monsenhor Luigi Biraghi.

Almejando expressar essa construção como uma possibilidade visual, apresenta um diagrama representando os significados encontrados nesta variação imaginativa. O diagrama composto de sete partes solicita do olhar um movimento de ir e vir, parte - todo, que em sendo partilhado, forma uma figura que nos fala de estrutura, do “*ir às coisas mesmas*”.

O autor conclui que não basta indicar caminhos, são necessários, processos de qualificação e formação com um enfoque no indivíduo e na atenção para todos e um programa de educação permanente para manter viva uma proposta humanizadora. Programa esse baseado na reflexão crítica do fazer - da prática - e a partir dela, a busca pela mudança dos níveis de atenção à saúde, mas, sobretudo, do sujeito docente que, muitas vezes, torna-se um operário para a desconstrução desse processo.

Ao educador consciente cabe ver e apontar esses caminhos para que numa perspectiva ética existencial seja galgada a formação como situação educativa. No caso da preceptoria essa ação dando-se na coexistência, no “*viver junto*”, fala de ética, de equidade, de

cuidado, de universalidade, de diversidade, de cidadania. Ao dizer de preceptoria, como uma ação educativa, diz o autor, é necessário evidenciar a humanização como atributo constante dessa ação.

Maria Anita Viviani Martins ao dizer de quatro pesquisas realizadas e concluídas, no período de 2000/2003 em escolas de Ensino Fundamental, com professores atuantes, coloca a interrogação: Como formar docentes, orientar o processo de formação profissional que ultrapasse a disposição puramente disciplinar e cuide da complexidade do enfrentamento do ato docente?

Observa a autora que: dizermos da complexidade do ato docente não equivalerá encerrar um debate através de um "jogo de palavras" ou, discorrer sobre o óbvio obviamente. O desvendar da sala de aula na sua intimidade ensina-nos da natureza desta complexidade. Da complexidade de interações que vão dando condições explicativas ao fenômeno educar na escola e das inadiáveis escolhas sempre presentes no ato docente. Definições e escolhas que passam desde a superação da redução da diferença ontológica a uma diferença conceitual, pela explicitação do entre si metodologia-prática-didática, até das interações entre cotidiano, concreto, conhecimento produzido e acumulado e intervenção docente.

O *profissionalismo docente* é a primeira palavra chave explicativa das relações que se estabelecerão ao longo das pesquisas. Como a adotamos?

Ensina-nos o léxico: profissionalismo s.m., modo de ver ou de agir dos profissionais. O sufixo "ismo" na formação de palavras derivadas dá o sentido de modo de proceder ou de pensar e forma substantivo de substantivo ou de adjetivos. Encontramos no substantivo profissão, em parte, o sentido que explicita o significado que adotamos, ou seja, ato ou efeito de professar; condição social, qualquer das atividades especializadas de caráter permanente, em que se desdobra o trabalho total realizado em uma sociedade.

Em complemento o adjetivo profissional significa: relativo ou pertencente a uma certa profissão. A compreensão estaria ainda incompleta se não buscássemos o sentido do professar: professar verbo transitivo, que, no léxico quer dizer: exercer, ensinar, pôr em prática.

Este percurso auxilia-nos a indicar: profissionalismo docente, o modo de agir dos profissionais da educação; o modo de professar, isto é, pôr em prática o relativo à sua profissão.

Interpretações breves e pontuais poderão indagar instantaneamente: no que contribuirá uma pesquisa que investiga o modo de pôr em prática o relativo à sua profissão docente?

Inicialmente e restritamente, poderíamos arrazoar que nos interessa conhecer como o docente do ensino fundamental desenvolve suas atividades. Interessa-nos proceder a um estudo acerca do professor nos seus aspectos internos, ou seja, como concebe a realidade educativa, como se expressa, qual a sua inteligibilidade acerca da sua prática. Interessa-nos compreender como o docente identifica intervenções que produziram resultados que na sua avaliação possam ser considerados favoráveis e/ou desfavoráveis educacionalmente.

Reconhecidamente, temos encontrado muitos programas de educação continuada, que ignoram a experiência vivida pelo docente em sala de aula, e o quanto esta experiência alimenta suas decisões acerca do seu quê-fazer e como ela se constitui em um conhecimento. Assim, a formação em serviço parte de um pressuposto equivocado. Assemelha-se nos seus objetivos a uma formação inicial sem que se considere a própria formação inicial.

Essa formação em serviço ignorando o dominado prioriza aquilo que é determinado na sede da construção do projeto, supondo que por reflexo, deverá espelhar-se, o que, certamente, trará como consequência a reprodução de conceitos na prática educativa (não superando assim a redução do ontológico ao conceitual), imobilizando o processo de tomada de decisão do professor.

O nó da questão é que, geralmente, centraliza-se a atenção, mais sobre o professor/monitor das atividades de educação continuada do que sobre o próprio docente da instituição. De fato, é com esta figura que o professor regente é constrangido a dialogar, numa tentativa de encontrar alternativas para a projeção de suas intervenções didáticas. A dificuldade desta formação imposta (característica dos cursos de formação inicial) é que ela parte de interrogações estranhas à originalidade das questões didáticas de sala de aula.

Assim, pesquisas que nos auxiliem na projeção da formação inicial de professores, na definição da educação continuada, são recursos para uma consoante adequação dos meios favoráveis à especificidade do ato docente.

A profissão docente pressupõe um profissional com a capacidade para programar, isto é, interpretar o conjunto das necessidades formativas do sujeito social nas duas dimensões que definem o significado histórico do termo programação: na dimensão da operatividade, porque um projeto é sempre historicamente um projeto do quê-fazer; e na dimensão inovadora, porque o que se projeta é sempre historicamente a transformação da ação em curso.

Observa ainda a pesquisadora que, os saberes demandados pelos professores, nas quatro pesquisas realizadas, e superadas as idiossincrasias, apresentam os planos a seguir descritos:

*1º Plano* das questões que o professor afronta e que são do seu âmbito resolver, equacionar. Trata-se da constituição de um profissionalismo que, legitimamente é operante e produtivo, através do domínio de um conhecimento no qual os problemas não são de origem escolástica, mas, abarca toda a complexidade dos entes envolvidos no ato educativo.

São os instrumentos de natureza explicativa, epistemológica que interpretam, descrevem e explicam paradigmaticamente o ato educativo. Essa instrumentalização detém a condição de iluminar esse ato. Todavia, tem o caráter instrumental, nutrindo o processo de tomada de decisão acerca desse quê-fazer. A propósito e p.ex. como é possível reinterpretar e decidir sobre o que o professor enfrenta na aparente ambigüidade na relação: subjetividade-intersubjetividade-coletivo.

*2º Plano* Domínio dos instrumentos que permitam o efetivo exercício de um nível superior de profissionalismo, seja para a realização de uma situação na qual aquilo que se busca garantir resulte de um equilíbrio entre as exigências disciplinares e as exigências metodológicas; seja um domínio instrumental para garantir os resultados que vão além da aprendizagem escolar.

Reafirma-se neste plano a condição de que este profissionalismo requer um poder projetivo que não se obtém somando-se os conhecimentos metodológicos aos disciplinares. Certamente, ele é resultante de habilidades metacognitivas e metalingüísticas que sustentam a criação da intervenção. Nesse plano encontramos referências a uma instrumentalização tecnológica, ou seja, instrumentos de operacionalização dos atos docentes conseqüentes à habilidade metacognitiva e metateórica.

*3º Plano* dos instrumentos de natureza informativa. Aqui apareceram indicadores de instrumentos que possibilitem o delineamento do quadro dentro do qual a intervenção se inclui. Esses instrumentos favorecem a contextualização do ato educativo, do sujeito da educação e poderão possibilitar ao professor a compreensão da multiplicidade de acontecimentos, inclusive a atualidade mundial, e a mundaneidade do educar/educação. Este plano atualizando o ato educativo, explicitará a relação conhecimento x cotidianidade x mundaneidade do educar.

As pesquisas apresentadas denotam o envolvimento de diferentes áreas que remetem a uma busca de sentidos, seja na formação inicial ou na continuada, trazendo reflexões sobre o fazer em situações educativas na ação de seus sujeitos, na diversidade de seu *locus* com um fazer que tenha como esteio uma ética de equidade, de cuidado, de universalidade, de diversidade. O trabalho apresentado abre-se para a busca de um fazer poiético: um transfazer.

**Palavras-chaves:** situações educativas; fazer prático poiético; trajetória de pesquisa.

#### **Notas:**

<sup>1</sup> . Lik Juen Tong. “Acto, signo e consciência: pensando em conjunto com Ricoeur”. Cf. HAHN (1.999).

<sup>2</sup> . Poiésis considerada aqui na acepção grega da palavra: um gerar e produzir que dá forma à matéria preexistente: um fazer criador.

<sup>3</sup> . Pro-jeto é o que lança á frente, atualizando-se em ações e programações na temporalidade e na espacialidade mundanas.

<sup>4</sup> . Transfazer, recriar. “Termo que não tem o mesmo significado que dialética. O transfazer refere-se a como o ser humano enquanto indivíduo sente o mundo e, a partir do que, lhe atribui significados. Significa ir além de, superar um simples fazer. É um re-criar interminável e sempre inacabado, pois o ser humano é sempre um ser de possibilidades”. Cf. MARTINS (1.992).

<sup>5</sup> . Conforme NUNES (1.992)

<sup>6</sup>. Conforme BUZZI (1.987)

<sup>7</sup>. Preceptoria foi focada em publicações anteriores (SILVA,2.000) como uma estratégia de ensino-aprendizagem individualizada, que busca promover a integração de conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvidas pelo aluno, ao longo do curso, com vistas à formação de sua identidade profissional. No presente trabalho coloca-se outra possibilidade interpretativa a preceptoria como situação educativa.

<sup>8</sup>. Monsenhor Luigi Biraghi (1.838-1.880), patrono da instituição sede da pesquisa e Fundador da Congregação das Irmãs de Marcelina.

## BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Ir. Maria Terezinha de. *Caderno de estudo V. Proposta pedagógica de Biraghi*. São Paulo, Instituto das Irmãs de “Santa Marcelina”, 2.001.

BICUDO, Maria Aparecida V., ESPÓSITO, Vitória Helena C. (orgs.). *Joel Martins... um seminário avançado em fenomenologia*. São Paulo, Educ, 1.997.

BUZZI, Archangelo. *Introdução ao Pensar: a Linguagem, o Conhecimento, o Ser*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1.987.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. *A escola: um enfoque fenomenológico*. São Paulo, Escuta, 1.993.

\_\_\_\_\_. *Pesquisando. A crise na educação: o pesquisador, saberes, tempos e espaços*. In: FAZENDA, Ivani e SEVERINO, Antônio Joaquim (orgs), Campinas, SP, Papyrus, 2.001.-(Série Cidade Educativa).

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1.997.

HANN, Lewis Edwin. *A filosofia de Paul Ricoeur*, LISBOA Instituto Piaget (Pensamento e Filosofia), 1.999.

MARTINS, Joel. *Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: Educação como Poíesis*. (Org. Vitória Helena Cunha Espósito), São Paulo, Ed. Cortez, 1.992.

MARTINS, Maria Anita Viviani. *Reflexões sobre o formar professores*. In *Formação de professores na sociedade do conhecimento*. Bauru, EDUSC, 2.004.

\_\_\_\_\_. *Compreendendo a ação docente, superando resistências*. In *Formação docente: rupturas e possibilidades*. Campinas, Papyrus, 2.002.

\_\_\_\_\_. *A distância entre a Universidade e o ensino de primeiro grau – naquilo que é específico a ambas: a educação e a docência*. PUCSP, tese de doutorado em Educação/ Currículo. 1.994.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1.999.

\_\_\_\_\_. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural Fontes, 1.987.

NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo, Editora Ática, 1.992.

RICOEUR, Paul. *O discurso da ação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal, Edições 70 Ltda. 1.988.

SILVA FILHO, Aniceto Cirino da. *Produção/Transmissão de conhecimento na Universidade: Uma questão a investigar*. Dissertação de mestrado. Belém, Universidade da Amazônia - UNAMA), 2.001.

SILVA, Gilberto Tadeu Reis da. *A preceptoria como ação educativa. Uma leitura hermenêutica fenomenológica*. Tese de doutoramento. São Paulo, Universidade Federal do Estado de São Paulo (Enfermagem), 2.003

\_\_\_\_\_. *Os egressos de uma escola de nível médio de enfermagem do município de São Paulo. Repensando a formação profissional*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, Escola de enfermagem, 2.000.

Vitória Helena Cunha Espósito

E-mail: [vitoriaesposito@hotmail.com](mailto:vitoriaesposito@hotmail.com)

Maria Anita Viviani Martins

E-mail: [vivimart@uol.com.br](mailto:vivimart@uol.com.br)

Gilberto Tadeu Reis da Silva



E-mail: [gtadeuccreis@uol.com.br](mailto:gtadeuccreis@uol.com.br)

Aniceto Cirino da Silva Filho

E-mail: [anicetofilho@uol.com.br](mailto:anicetofilho@uol.com.br)